

A MISSÃO DA IGREJA HOJE

MICHAEL W. GOHEEN

A MISSÃO DA IGREJA HOJE

A BÍBLIA, A HISTÓRIA E AS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

TRADUÇÃO

VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES

ultimato 

VIÇOSA|MG

A MISSÃO DA IGREJA HOJE

Categoria: História / Igreja / Missão

Copyright © 2014, Michael W. Goheen

Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos

Título original em inglês: *Introducing Christian Mission Today*

Primeira edição: Agosto de 2019

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Francisco Nunes

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rick Szuecs

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

G614 Goheen, Michael W.

A missão da igreja hoje : a bíblia, a história e as questões contemporâneas / Michael W. Goheen; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultmato, 2019.

392 p. ; 23 cm.

Título original: *Introducing christian mission today : scripture, history and issues*

ISBN 978-85-7779-194-1

1. Vida e práticas cristãs. 2. Missão da igreja. 3. Reflexões. 4. Apostolado (Teologia). I. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. II. Título.

CDD 248.4

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

PARA LESSLIE NEWBIGIN, GEORGE VANDERVELDE E JAN JONGENEEL

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução: Uma mudança de paradigma nos estudos de missão hoje	13
PARTE UM: Reflexão bíblica e teológica sobre missão	
1. A Escritura como registro narrativo da missão de Deus	31
2. Teologia da missão e teologia missional	61
PARTE DOIS: Reflexão histórica e contemporânea sobre missão	
3. Paradigmas históricos da missão	95
4. Um paradigma ecumênico emergente da missão	123
5. Uma análise da Igreja global	151
PARTE TRÊS: Temas atuais na missão hoje	
6. Missão holística: testemunho na vida, nas palavras e nas ações	183
7. Contextualização fiel: Igreja, evangelho e cultura(s)	213
8. Rumo a uma missiologia da cultura ocidental	239
9. Um confronto missionário com as religiões do mundo	267
10. Missão urbana: a nova fronteira	299
11. Missões: um testemunho do evangelho onde não há	325
Notas	353
Fontes das caixas de texto	383
Índice de nomes	387

PREFÁCIO

ESTE LIVRO RESULTA de um curso que ministrei por 25 anos em uma série de instituições de graduação e pós-graduação. Quando fiz pela primeira vez uma introdução ao curso de missão, em 1988, esforcei-me para estruturá-lo de acordo com as mudanças significativas que ocorriam na missão e na Igreja mundial durante o século 20. Eu estava bem ciente da inadequação do paradigma colonialista, que deu origem a certa maneira de ensinar missiologia. Mas eu não conhecia uma maneira melhor de prosseguir. Depois de ministrar o curso algumas vezes, deparei-me com o livro *Missão transformadora*, de David Bosch, dias depois de sua publicação. Devorei o livro. Vi um novo caminho para os estudos de missão e uma nova maneira de estruturar um curso introdutório. Sem dúvida, hoje, depois de mais de duas décadas da publicação daquele livro, sabemos sua importância. Serviu para ajudar muitos a reconfigurarem e reestruturarem a maneira de ensinar missiologia em um novo contexto no qual a Igreja está agora inserida em todas as partes do mundo.

Usei o livro de Bosch muitas vezes em cursos, mas descobri que sua dimensão e sua densidade às vezes são inacessíveis aos alunos. Fiquei torcendo para alguém apresentar uma versão mais popular com a estrutura básica de Bosch para eu poder usar como livro didático. Embora muitos bons livros sobre missão tenham surgido desde aquela época, nenhum tentou cobrir todos os aspectos dos estudos de missão como ele o faz, mas de maneira mais acessível.

E, à medida que me deparava com a dificuldade, em quase todos os capítulos deste livro, de tentar resumir enorme quantidade de material em breves capítulos, entendo o porquê! No entanto, tenho perseverado, e ofereço este livro como uma introdução mais simples aos estudos de missão. Ele tem por objetivo ser um livro introdutório para estudantes e pastores.

Começo com a *missio Dei* conforme narrada na história bíblica e insiro a missão da Igreja nesse contexto narrativo. Missão é participar da história da missão de Deus. O papel que o povo de Deus deve desempenhar nessa história dá-lhe sua identidade missional. Portanto, a Igreja é missional por natureza, e sua missão como um todo nasce dessa identidade. Por isso, o presente livro arraiga a missão na eclesiologia; é, portanto, uma missiologia que considera a Igreja como algo de suma importância – algo que é surpreendentemente raro. É também uma missiologia que leva a história a sério, tentando entender e aprender com a Igreja enquanto ela cumpre sua missão em vários contextos históricos e culturais. Além disso, é uma missiologia que leva o contexto global a sério, formulando uma missiologia que entende que a missão está em todas as partes do mundo, vem delas e é para elas. É, por fim, uma missiologia que leva o contexto contemporâneo a sério. Os vários encargos que a Igreja global tem à sua frente hoje em seus diferentes cenários estabelece a agenda missionária.

Ninguém é neutro, claro. E por isso minha localização confessional e geográfica moldou consideravelmente este livro. Partindo de uma perspectiva global, faço parte da tradição evangélica. Mais especificamente, os autores que mais me moldaram são J. H. Bavinck, Harvie Conn, Lesslie Newbigin e David Bosch. E, portanto, é a partir da tradição reformada que este livro introdutório nasce. Bavinck e Conn definiram inicialmente as vigas estruturais de meu pensamento, e essa formação fundamental permanece até o presente. Desse modo, meu enfoque na missiologia fica mais restrito à tradição neocalvinista holandesa, embora eu espere que meu apreço por muitas outras tradições seja evidente. Minha dívida para com Newbigin e Bosch em muitos pontos será óbvia. Acredito que eles sejam os principais pensadores de missão na última parte do século 20, e, por isso, tentei ler tudo o que escreveram. Também me beneficiei imensamente com muitos outros. Penso especificamente em Hendrik Kraemer, Wilbert Shenk, Gerald Anderson, Darrell Guder, Chris Wright, Andrew Walls, George Vandervelde e Jan Jongeneel.

Também sou canadense, e isso também será evidente. É o contexto ocidental que define meus conhecimentos, mas tentei ouvir irmãos e irmãs de fora do Ocidente.* Tive muitas oportunidades de interagir com irmãos e irmãs de outras partes do mundo. Também ministrei um curso de teologia contextual

* Para o autor e para a parte “desenvolvida” do mundo, o Ocidente compreende os países desenvolvidos e equivale a desenvolvimento, democracia e cultura de base europeia. “Sul” é usado aqui para classificar os países pobres e subdesenvolvidos (o “Terceiro Mundo”). (N.T.)

por vários anos, mais recentemente no Regent College, em Vancouver, e isso me ajudou a ouvir vozes de outras partes do mundo. Tanto o que li quanto contatos pessoais contribuíram para uma perspectiva mais global em meu modo de pensar, como também o enriqueceram e corrigiram. Sem dúvida, não os citei tanto quanto deveria, mas a visão deles moldou meu trabalho mais do que se pode ver nas notas de fim.

Sou grato a Dean Flemming, Mark Glanville e Albert Strydhorst, que dedicaram tempo para ler versões anteriores de todo o manuscrito, como também a Mike Williams, Chris Gonzalez, Tim Sheridan, Wilbert Shenk e Andrew Beunk, que leram capítulos específicos. Eles fizeram comentários e críticas úteis, e, como sempre, não posso incluir todas as suas boas sugestões, às vezes por causa da incapacidade e, em outras, por causa do tempo. Também sou grato por minha família, que discute as questões comigo e também pratica muito do que está neste livro. Minha esposa, Marnie, e muitas de minhas “crianças” crescidas, bem como o cônjuge de algumas delas, fizeram o curso que deu origem a este livro. Todos assumiram o papel que tinham na missão de Deus, e muitos dos tópicos do livro ainda são alimento sólido para a constante discussão em família. Também aprendi muito com meus irmãos e irmãs nas congregações às quais servi. Minhas congregações atuais, tanto a New West Christian Reformed Church, em Burnaby, na Colúmbia Britânica, como as Comunidades Missio Dei, em Tempe, no Arizona, têm sido uma fonte de enriquecimento que tem contribuído para minha compreensão de missão. A Sociedade de Genebra tem dado supervisão à cátedra de estudos de visão de mundo que ocupo nos últimos sete anos. Pieter e Fran Vanderpol e a Oikodome Foundation [Fundação Oikodome] financiam-na. Ambos me permitem cumprir minha vocação acadêmica, da qual este livro faz parte. Fui recebido calorosamente pelo Centro de Treinamento Missional, em Phoenix, pelo Seminário Teológico Calvin como cátedra de Missiologia de Jake e Betsy Tuls e pela Newbigin House of Studies como professor de teologia missional na próxima etapa de minha carreira acadêmica, mas ainda sou profundamente grato pelo sacrifício e trabalho dos muitos envolvidos no financiamento e supervisão da Geneva Chair. Por fim, meus agradecimentos vão para Daniel Reid, da InterVarsity Press, que apoiou este projeto desde o início, embora muitos fatores tenham me impedido de entregar o manuscrito no prazo.

Há um site na internet que promove este livro junto com outros que escrevi.

Há muito material gratuito, de artigos acadêmicos e populares a apresentações em PowerPoint de todos os tipos, nas áreas de história bíblica, visão de mundo e missão. Professores que usam este livro como material de estudo poderão encontrar no site apresentações em PowerPoint para palestras e planos de estudo que podem ser usados para um curso introdutório sobre missão. O site é www.missionworldview.com.

Trabalhei em minha dissertação de doutorado por uma década estudando Newbiggin como também os avanços missiológicos que expressavam seu pensamento. Durante esse tempo, não só a vida e os escritos de Lesslie Newbiggin, mas também a supervisão exímia de Jan Jongeneel e George Vandervelde, ajudaram-me a refinar meu pensamento em missiologia. George e Lesslie estão com o Senhor enquanto Jan, aposentado, continua produtivo em termos acadêmicos. Dedico o presente livro a esses três homens.

INTRODUÇÃO

UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NOS ESTUDOS DE MISSÃO HOJE

QUANDO AS PALAVRAS “missão”, “missões”, “missionário”, “campo missionário” ou “missiologia” são usadas hoje em muitos círculos cristãos, a ideia tradicional de *expansão geográfica* ainda predomina. Missão é considerada uma atividade unidirecional que procede do Ocidente para outras partes do mundo, como África, Ásia ou América Latina. Uma organização missionária ou braço missionário denominacional é a agência que envia missionários para realizar certas tarefas. A base onde estão localizadas essas instituições que enviam missionários é o Ocidente cristão, e o campo missionário é uma área não cristã fora do Ocidente. Compreendida tradicionalmente, missiologia é a disciplina que estuda as questões decorrentes da expansão geográfica do cristianismo ocidental em outras culturas.

Esse uso da palavra “missão” traz repercussões na prática tradicional da iniciativa missionária moderna dos dois últimos séculos. Contudo, também indica o interesse teológico de levar o evangelho para aqueles que precisam ouvi-lo. Durante o século 20, a palavra “missão” começou a ser usada de forma cada vez mais frequente nos círculos cristãos e assumiu um aspecto significativamente amplo durante o processo. No entanto, ela ainda carrega grande parte do significado teológico e tradicional do movimento missionário moderno, pelo menos na tradição evangélica.

Compreendida tradicionalmente, missiologia é a disciplina que estuda as questões decorrentes da expansão geográfica do cristianismo ocidental em outras culturas.

A palavra “missão” deriva do latim *mittere*, “enviar”, e, portanto, pressupõe alguém que envia, alguém enviado, um lugar ou pessoas para os quais o mensageiro é enviado e uma tarefa a ser cumprida. Os jesuítas foram os primeiros a usar essa palavra quando, em seu quarto juramento, juraram obediência ao papa em relação à missão fora

da comunhão eclesiástica – incluindo protestantes – de trazer os alcançados para a igreja-mãe. Dada essa origem, é surpreendente ver a rapidez com que os protestantes empregaram a palavra para descrever seu encargo de propagar o evangelho entre os que nunca o haviam ouvido. De fato, a missão tornou-se uma nova ortodoxia por volta do fim do século 19 e, hoje, na maioria das vezes, pelo menos na tradição evangélica, a palavra ainda carrega conotações positivas.

No início do século 18, mais de 90% dos cristãos do mundo encontravam-se no Ocidente. Sendo assim, uma motivação importante para a expansão missionária que ocorreu nos próximos duzentos anos foi o motivo bíblico para levar as boas-novas de Jesus Cristo às pessoas e aos lugares onde não havia testemunho. Mas, ao mesmo tempo, essa atividade missionária coincidiu com o colonialismo ocidental. Assim, o curso e a prática da expansão geográfica do cristianismo ocidental foram profundamente moldados por padrões colonialistas.

“Colonialismo e missão eram, naturalmente, interdependentes; o direito de ter colônias trazia consigo o dever de cristianizar os colonizados.”

David J. Bosch, *Transforming Mission*. p. 227. [*Missão Transformadora*]

Ao longo da última metade do século, muitos fatores se combinaram para tornar uma compreensão tradicional de missão inadequada para hoje. Isso não significa que a iniciativa missionária dos séculos 19 e 20 foi um erro. De fato, um incentivo bíblico impulsionou grande parte da motivação e prática de missão. Também não quero ofuscar as missões interculturais. A preocupação em levar as boas-novas a lugares onde não há testemunho ainda é um aspecto contínuo da missão da Igreja. É preferível dizer que mudanças drásticas nos séculos 20 e 21 tornaram inadequado para nossos tempos um paradigma tradicional de missão.

A IGREJA MUNDIAL EM TRANSFORMAÇÃO

Ao longo do século passado, ocorreu uma drástica mudança demográfica na Igreja mundial. Até pouco mais de um quarto de século atrás, a maioria dos

cristãos vivia no mundo ocidental, especialmente na Europa e na América do Norte. No entanto, no século passado, o centro de gravidade mudou para o sul e para o leste, chegando à África, à Ásia e à América do Sul. Enquanto a maioria esmagadora de cristãos vivia no Ocidente quando começou o movimento missionário moderno, hoje talvez nada mais e nada menos que dois terços a três quartos dos cristãos do mundo vivem em lugares fora do Ocidente. Como resume Philip Jenkins, “a era do cristianismo ocidental já passou, no espaço de nossa vida, e está despontando o dia do cristianismo meridional”.¹

“Um cristão chamado Rip Van Winkle, que adormecesse sob uma árvore em meados do século 18 e depois acordasse [na semana passada] ao som de sinos da igreja (ou de um sintetizador com bateria) em uma manhã de domingo, não reconheceria a forma modificada do cristianismo mundial. É como se o mundo estivesse de cabeça para baixo e do avesso. Algumas décadas atrás, os cristãos se concentravam no norte e no oeste, mas agora um número que aumenta rapidamente vive no sul e no leste. Embora esfregasse os olhos para apagar meio século de sono e tentasse localizar seus companheiros cristãos, Rip Van Winkle iria encontrá-los em lugares surpreendentes, expressando a fé de maneira surpreendente, sob condições surpreendentes, com relações surpreendentes com a cultura e a política e levantando questões teológicas surpreendentes que não teriam parecido possíveis quando adormeceu.”

Mark A. Noll, *The New Shape of World Christianity*. p. 19-20.

O crescimento numérico não revela toda a história dessa revolução. Embora ainda haja muita necessidade nas igrejas do sul e do leste, e embora a igreja nessas partes do mundo nem sempre seja fiel ao evangelho, também é verdade que há evidência de muita vitalidade na adoração e na oração, e na fidelidade doutrinária e moral, na igreja do sul. Além disso, as igrejas no sul e no leste já começaram a assumir a responsabilidade pela maior parte das missões interculturais.

O crescimento impressionante da igreja no sul e no leste coincidiu com o declínio acentuado nas igrejas mais antigas do Ocidente. Hoje, os cristãos na Europa e em culturas derivadas da Europa só constituem 15% da população total de cristãos. David Barrett estimou, há quase três décadas, que a igreja ocidental estava perdendo aproximadamente 7.600 membros professos por dia.² A estimativa de Lamin Sanneh há uma década, 4.300 pessoas por dia,³ foi mais baixa; no entanto, é claro que a igreja no Ocidente está definhando. Além disso, o declínio numérico é acompanhado pelo profundo comprometimento com a cosmovisão humanista secular da cultura ocidental. E, paralelamente à crescente

participação de igrejas na maior parte do mundo em missões interculturais, a igreja no Ocidente tem visto um declínio equivalente.

Esse breve esboço não tem por objetivo simplesmente criar uma imagem romântica e otimista da igreja no sul e no leste, nem uma imagem negra e sombria da igreja no Ocidente. De fato, há muito com que se preocupar no cristianismo

Hoje, os cristãos na Europa e em culturas derivadas da Europa só constituem 15% da população total de cristãos.

africano, asiático e latino-americano e muito a ser encorajado no cristianismo ocidental. É preferível essa caracterização para indicar uma mudança significativa no cristianismo global que torna uma visão tradicional da missão inadequada para os dias de hoje. À luz dessas estatísticas, parece absurdo

dividir o mundo em uma base cristã e um campo missionário não cristão, e classificar as igrejas em crescimento do sul e do leste como um campo missionário e as igrejas em declínio do Ocidente como a base da missão cristã.

Além da crescente igreja do sul e do declínio da igreja ocidental, um terceiro fator na Igreja global é a missão em transformação hoje: o crescimento explosivo da igreja pentecostal global. O ano de 1980 foi um divisor de águas na história do cristianismo porque aconteceram duas coisas: o número de cristãos não brancos superou o número de cristãos brancos pela primeira vez, e os pentecostais superaram todos os outros grupos protestantes para se tornarem o maior do mundo.⁴ Talvez o termo “pentecostal” seja a imposição de uma categoria ocidental às igrejas em crescimento do sul e do leste; essas igrejas frequentemente manifestam marcas que foram associadas a igrejas pentecostais, mas essas são igrejas locais que diferem significativamente umas das outras. Por enquanto, não há uma categorização fácil; assim, continuarei a usar o termo “pentecostal” na esperança de que surja uma maneira adequada de classificá-las.

“Já hoje, as maiores comunidades cristãs do mundo encontram-se na África e na América Latina. Se quisermos visualizar um ‘típico’ cristão contemporâneo, devemos pensar em uma mulher que vive em uma vila na Nigéria ou em uma favela brasileira. Logo, a expressão ‘um cristão branco’ pode soar como um curioso oxímoro, tão pouco surpreendente quanto ‘um budista sueco’. Essas pessoas podem existir, mas está implícita uma ligeira excentricidade.”

Philip Jenkins, *The Next Christendom*. p. 2-3. [A Próxima Cristandade]

Em 1980, após menos de um século de existência, os pentecostais cresceram e se tornaram uma das três maiores comunidades protestantes do mundo.

Associaram-se às igrejas anglicanas e batistas, todas com um número aproximado de cinquenta milhões de adeptos. Por volta do ano 2000, os anglicanos chegaram aos 76 milhões; os batistas, aos 110 milhões e os pentecostais, a mais de quatrocentos milhões. Hoje, os pentecostais podem chegar aos quinhentos milhões. Eles continuam a crescer à taxa notável de 55 mil por dia e vinte milhões por ano. A grande maioria de pentecostais encontra-se nas igrejas do sul e do leste.

Talvez seja verdade que, por causa de sua curta história e das incríveis taxas de crescimento, “o aparecimento do movimento pentecostal-carismático pode muito bem ser o único fato mais importante do cristianismo do século 20”.⁵

Nos últimos cinco séculos, foram principalmente três tradições – católica romana, evangélica protestante e ecumênica protestante – que levaram a missão da Igreja. Contudo, os pentecostais, especialmente aqueles dos dois terços do mundo, constituem uma quinta tradição além da ortodoxia oriental, do catolicismo romano e das tradições evangélicas e ecumênicas protestantes.

Portanto, eles trazem uma nova perspectiva para a missão, e seus números elevados e vitalidade desempenham um papel diante da situação inconstante da missão hoje.

REALIDADES GLOBAIS EM TRANSFORMAÇÃO

Os fatores que levam a um novo paradigma de missão não são apenas aqueles associados à transformação global da Igreja. Existem também realidades globais significativas e enormes tendências que definem o contexto de missão da Igreja. O primeiro é o *colapso do colonialismo* no século 20. Durante o período de 25 anos, de 1878 a 1914, os países europeus compreendiam aproximadamente 26 milhões de quilômetros quadrados de terra e dominavam meio bilhão de pessoas – metade dos não europeus do mundo – na Ásia e na África. Esse domínio global ocidental moldou a iniciativa missionária do final do século 19 e início do século 20. Missionários fluíam pelos caminhos do domínio colonial. Começando em 1947, no subcontinente indiano, e continuando pelas duas décadas seguintes, quase todas as nações sob domínio colonial europeu conquistaram sua independência. À medida que a mentalidade, as estratégias, as estruturas e as práticas de missões interculturais foram se formando nesse contexto colonial ocidental, seu colapso trouxe o desafio de repensar todo o modo de entender missão.

Um segundo fator é a *globalização*.⁶ O domínio global da civilização ocidental tem sido uma característica do mundo há muitos séculos. No entanto, quase no final do século 20, o termo “globalização” tornou-se muito popular para definir uma

À medida que a mentalidade, as estratégias, as estruturas e as práticas de missões interculturais foram se formando nesse contexto colonial ocidental, seu colapso trouxe o desafio de repensar todo o modo de entender missão.

nova realidade mundial. A globalização é a propagação, ao redor do mundo, da história ocidental moderna do progresso econômico, especialmente com o uso da nova tecnologia de informação. A globalização é a “única maneira adequada de descrever o contexto em que trabalhamos hoje”.⁷ Ela tem um potencial benéfico, mas também tem sido a fonte de uma sociedade de consumo no Ocidente, um abismo cada vez maior entre ricos e pobres, a destruição ecológica, um deslocamento em massa de pessoas e uma força homogeneizadora que impõe o espírito da cultura ocidental às culturas do mundo. René Padilla acredita que ela seja “o maior desafio que a missão cristã enfrenta”⁸ e Richard Bauckham concorda, dedicando o último capítulo de seu livro *Bible and Mission* [Bíblia e missão] à missão da Igreja em um mundo globalizado.⁹

Um terceiro fator, resultado de um mundo globalizado, é a *urbanização*. Em 1800, apenas 5% da população mundial vivia nas cidades. Cem anos mais tarde, o número subiu modestamente para 14%. Contudo, por volta de 2000, mais da metade da população mundial podia ser considerada urbana e, em meados do século 21, isso chegará a 80%. As cidades representam centros poderosos de dominância cultural, econômica e política no mundo. O cenário urbano é também o dos enormes problemas sociais e econômicos que o mundo enfrenta. O Relatório Mundial sobre Desastres de 2010 concentrou-se em violência, problemas de saúde e outras questões graves que a população urbana enfrenta.¹⁰ As cidades são também o lugar onde as pessoas vivem! Estamos diante de um futuro urbano, e a cidade representa a “nova fronteira” da missão.¹¹

Um quarto fator são os *espantosos problemas sociais e econômicos* que afligem nosso mundo. O nível de pobreza e de fome no mundo é alarmante. Três bilhões de pessoas, quase metade da população mundial, vivem com menos de 2,50 dólares por dia e 80% da população mundial, com menos de dez dólares por dia. Trinta mil crianças morrem a cada dia por causa da pobreza, e 1,5 bilhão de pessoas vive abaixo da linha de pobreza internacional. Embora seja produzido alimento suficiente no mundo para alimentar a todos, 854 milhões de pessoas não têm o suficiente para comer, e o número aumenta a cada ano. Tragicamente, a maioria dos que passam fome são mulheres e crianças. E as coisas não estão melhorando; na verdade, o abismo entre ricos e pobres está aumentando. Em 1960, o bilhão de mais ricos era trinta vezes mais rico que o bilhão de mais pobres, ao passo que, em 1990, esse número aumentou para sessenta vezes, e hoje é quase noventa vezes. O índice de rendimento entre os mais ricos em relação aos mais pobres era de 44 para 1, em 1973, mas chegou a 74 para 1 por volta do final do século. Os 20% mais ricos da população mundial são responsáveis por 76,6% do consumo de recursos do mundo, enquanto o quinto mais pobre consumiu 1,5%. Os norte-americanos gastam oito bilhões de dólares com cosméticos e dezessete bilhões de dólares com alimento para animais de estimação, enquanto são necessários seis bilhões de dólares para a educação de todos, nove bilhões de dólares para água e saneamento para todos

e treze bilhões de dólares para saúde e nutrição de todos. O principal problema que estimula a pobreza, a fome e o crescente abismo entre ricos e pobres são estruturas injustas – governos corruptos, mercados globais desiguais, corrida às armas em todo o mundo, consumismo estrutural, a enorme dívida do terceiro mundo e outros.

Pode-se acrescentar a isso uma longa lista de outros problemas sociais e econômicos que assustam só de pensar: a epidemia de HIV-aids, que tem sido chamada de “a maior emergência humana da história”;¹² o crime organizado, bastante envolvido no tráfico de pessoas, na prostituição e na “indústria” do sexo, o tráfico de drogas e outros, arruinando vidas e arrecadando mais de um trilhão de dólares por ano; números crescentes de guerras fomentadas por animosidades raciais, étnicas, religiosas e ideológicas em que mais de 75% das vítimas são civis; uma crise de pessoas desabrigadas e de migração em massa causada por conflitos, perseguição, desastres naturais e pobreza; a desigualdade de gênero que deixa as mulheres muito mais vulneráveis à violência, ao analfabetismo e à pobreza; crescentes violência, terrorismo e crises nas áreas de alimentação, educação e saúde, junto com outras áreas, poderiam ser acrescentados.

Duas crises ameaçam a existência do planeta: nuclear e ambiental. Existem entre quarenta mil e cinquenta mil ogivas nucleares no mundo, capazes de destruí-lo sessenta vezes. Nove países detêm armas nucleares, com potencial de chegar a mais vinte na próxima década. Mais de um trilhão de dólares é gasto anualmente em armas, uma despesa que poderia saciar a fome do mundo por anos. Um estudo ambiental da ONU mostrou, há cerca de uma década, que “o planeta está posicionado à beira de um precipício, e está se esgotando o tempo para fazer difíceis escolhas econômicas e políticas que podem evitar o desastre”.¹³ Enfrentamos aquecimento global, redução da camada de ozônio, chuvas ácidas, perda da biodiversidade, resíduos químicos tóxicos, desmatamento, poluição do ar e das águas, esgotamento do fornecimento de energia, iminente escassez de água, a exploração desenfreada de recursos no fundo do oceano e outros. Grande parte do problema é motivada pelo compromisso de fé com um crescimento econômico que vem seguido pela cultura de consumo descontrolada que vive do desperdício deliberado. Se o mundo inteiro usasse recursos à proporção que os norte-americanos usam, os recursos do mundo durariam cerca de dez anos. Se Jesus, em sua missão, “inicia um ataque geral contra o mal em todas as suas manifestações”, a Igreja é chamada a fazer o mesmo.¹⁴

Quinto, a *crescente população* do século passado, que não mostra sinais de redução, traz novos desafios para a missão. Embora haja declínio em partes do Ocidente e no Japão, o retrato geral do mundo é o de um crescimento expressivo. Quando William Carey partiu para a Índia no final do século 18, ainda não havia um bilhão de pessoas no mundo. Esse número só seria atingido em 1830. Levou outro século para que, em 1930, houvesse dois bilhões de pessoas.

O terceiro bilhão veio trinta anos mais tarde (1960) e o quarto, catorze anos depois disso (1974). Por volta de 2000, a população mundial passou a marca dos seis bilhões, e passamos os sete bilhões em 2011. Enquanto a explosão populacional no mundo aumenta a pressão sobre os recursos limitados da terra e contribui para a crescente pobreza, ela também intensifica o desafio evangelístico de se alcançar esse número crescente de pessoas com as boas-novas.

Sexto, estamos testemunhando um *ressurgimento das religiões* em todo o mundo. No início do século 20 previu-se que os “ácidos da modernidade”¹⁵ – ciência, tecnologia, a nova cultura de consumo – corroeriam a crença religiosa, e que todas as religiões definhariam e morreriam. E, ao que parecia,

Enquanto a explosão populacional no mundo aumenta a pressão sobre os recursos limitados da terra e contribui para a crescente pobreza, ela também intensifica o desafio evangelístico de se alcançar esse número crescente de pessoas com as boas-novas.

na “secular década de 1960” essa previsão se cumpriria. Em vez disso, hoje vemos um renascimento de todas as religiões. O cristianismo cresceu de 558 milhões de pessoas, em 1900, para 2,3 bilhões hoje, uma taxa de crescimento de 1,3%. No início do século 20, tanto muçulmanos como hindus somavam cerca de duzentos milhões. No início do século 21, os

muçulmanos somavam 1,6 bilhão, um crescimento de 1,8%, e os hindus, pouco menos de um bilhão, uma taxa de crescimento de 1,4%. Além disso, há um renascimento da espiritualidade no Ocidente entre aqueles que abandonaram a religião tradicional. Observamos não apenas o crescimento do compromisso religioso, mas também a crescente tensão entre grupos de religiões e o avanço do fundamentalismo em todas as tradições religiosas. Não só a pluralidade religiosa é uma realidade em muitos países do mundo, mas também o crescimento do pluralismo ideológico que abandonou a busca pela verdade é um fenômeno global. Tudo isso deixa a Igreja cristã com um caminho difícil para trilhar em sua missão de buscar adeptos de outras religiões.

Finalmente, as *mudanças culturais colossais na cultura ocidental* estabelecem um novo contexto para a missão hoje. Essas mudanças afetam não apenas a Igreja e sua missão no Ocidente, mas também a Igreja global, porque a globalização da cultura ocidental, especialmente em centros urbanos, impacta a Igreja em todas as partes do mundo. A dimensão econômica da cultura ocidental que começou a emergir como uma força ascendente no século 18 tem se tornado o espírito dominante que se sobrepõe a todos os outros enquanto molda nossa cultura hoje. A indústria do lucro e o mercado estão impulsionando todas as áreas da cultura ocidental. Surgiu uma sociedade de consumo que domina todos os aspectos da vida. As mudanças tecnológicas são pura e simplesmente vertiginosas. A revolução digital, a informação e a tecnologia de mídia, a tecnologia médica e a nanotecnologia estão levantando grandes questões e mudando a face

da cultura ocidental em vários sentidos. Grande parte da tecnologia entrou no rastro das correntes econômicas; por exemplo: os computadores permitem a finança global e a publicidade na mídia estimula o consumismo. No entanto, ela fez muito mais. O excesso de informação leva à desorientação, à apatia, ao tédio crônico e à sabedoria cada vez menor. Também vemos um novo espírito pós-moderno que suspeita da autoridade e das afirmações da verdade, que anseia por relacionamento, que valoriza a experiência subjetiva, que está enraizado no contexto local e que é cético quanto à certeza. Essas e outras mudanças na cultura ocidental exigem um novo olhar para nosso contexto e como ele influencia a missão no Ocidente e também além dele.

UMA NOVA COMPREENSÃO DE MISSÃO

Este livro examinará a missão hoje, mas, preparando o leitor, posso indicar uma nova compreensão que está surgindo por meio de quatro definições. A primeira definição deriva da conferência missionária ecumênica realizada pelo Conselho Mundial de Igrejas na Cidade do México, em 1963, que enunciava seu tema como “testemunho em seis continentes”. Se considerarmos a missão do ponto de vista geográfico, então, a missão não parte de dois continentes (Europa e América do Norte) para três continentes (Ásia, África e América Latina). Pelo contrário, é *de* todos os seis continentes, incluindo África e Ásia; é *para* todos os seis continentes, incluindo Europa e América do Norte, e acontece *nos* seis continentes. O mundo de Deus como um todo é um campo missionário, e a “base” para a missão está em todas as congregações de todas as partes do mundo. A definição ainda não nos diz o que é missão; ela simplesmente desafia velhas noções geográficas e abre horizontes mais amplos. Podemos avançar no sentido de sondar o significado de missão ao considerarmos as seguintes definições.

A Igreja deve entender que sua missão é participar da missão do Deus trino. E essa missão tem uma natureza comunal: é uma missão do povo de Deus.

Segundo a definição de Christopher Wright, missão é “nossa participação comprometida como povo de Deus, a convite e ordem de Deus, na própria missão de Deus dentro da história do mundo para a redenção da criação de Deus”.¹⁶

Essa definição impede que entendamos missão como, em primeiro lugar, o que a Igreja faz. Pelo contrário, a Igreja deve entender que sua missão é participar da missão do Deus trino. E essa missão tem uma natureza comunal: é uma missão do povo de Deus. Muitas vezes evangelismo e missões interculturais são entendidos de maneira individualista. No entanto, missão é o chamado de um povo. Por fim, o campo de ação da missão é tão amplo quanto à criação porque a missão de Deus é a redenção de todo o mundo de Deus.

Uma terceira definição segue a orientação de quatro missiologistas holandeses que desejam substituir o “paradigma de ‘expansão’ pelo de ‘comunicação’”.¹⁷ Missão é a comunicação do evangelho. Já não se entende missão principalmente como a expansão geográfica do cristianismo, mas, sim, como o encargo dado ao povo de Deus em todos os lugares para comunicar as boas-novas não só com palavras, mas também com a vida e ações. Missão é testemunho de vida, palavra e ação. Colocar a “vida” antes da “palavra” e da “ação” é intencional: o evangelho é, antes de mais nada, comunicado na vida dos cristãos, tanto na vida comunal como quando eles estão espalhados pelo mundo. Fluindo do novo poder que está agindo para transformar a vida deles estarão palavras e atos que comunicam ainda mais o evangelho.

Uma definição final segue uma linha similar. Missão é toda a Igreja levando o evangelho integral a toda a pessoa no mundo todo. Essa definição é uma leve variação da expressão encontrada em documentos oficiais das tradições ecumênicas e evangélicas. Em 1963, a declaração da conferência missionária ecumênica na Cidade do México referiu-se à missão como “o testemunho comum da Igreja como um todo, levando todo o Evangelho ao mundo todo”.¹⁸ Em 1974, o Pacto Evangélico de Lausanne seguiu o exemplo quando disse: “A evangelização mundial requer que toda a Igreja leve o evangelho integral ao mundo todo” (parágrafo 6). Isso foi reafirmado, em 2010, pelo terceiro Congresso de Lausanne, que se reuniu na Cidade do Cabo, no preâmbulo do “Compromisso da Cidade do Cabo”: “O Pacto de Lausanne definiu evangelização como ‘toda a Igreja levando o evangelho integral ao mundo todo’. Essa ainda é a nossa paixão”.¹⁹

É toda a Igreja, não apenas missionários ou evangelistas. É o evangelho integral para toda a pessoa, não um evangelho “espiritual” para a alma ou um evangelho “social” para o corpo. Está no mundo todo, não apenas em certas partes do mundo tidas como “campo missionário”.

O PANORAMA DOS ESTUDOS MISSIONÁRIOS HOJE

A missiologia deve permanecer enraizada no evangelho e na Palavra de Deus. Mas também deve considerar épocas e lugares em que vive.

A missão da Igreja é sempre contextual. A Igreja deve sempre apurar quais são as questões da atualidade e discuti-las. A missiologia deve permanecer enraizada no evangelho e na Palavra de Deus. Mas também deve considerar épocas e lugares em que vive. Portanto, a missiologia variará de um lugar para o outro e de

uma época para outra. Se levarmos a sério o contexto esboçado neste capítulo introdutório, devemos perguntar: que assuntos surgem que são importantes para estudar na missiologia hoje? Se quisermos uma missiologia relevante e contextual, quais são os problemas urgentes que devem fazer parte dos estudos de missão hoje?

Primeiro, é preciso uma *nova reflexão sobre as Escrituras e a missão*. A oportunidade que se apresenta para a Igreja hoje é retornar à Bíblia e julgar o que entendemos como missão tendo como referência o texto bíblico. Quando a Igreja está convencida de sua missão, é mais provável que encontre textos que respaldem sua atividade. A incerteza pode forçar-nos a voltar ao texto. É essencial nesse momento que o que impulsiona a missão não seja o contexto global, por mais importante que seja, mas sim a luz da Escritura. Enquanto no passado alguns textos, como a Grande Comissão (Mt 28.19-20), sustentavam a missão da Igreja, agora precisamos ver a centralidade da missão de Deus na história bíblica e no papel missional que a Igreja desempenha. Felizmente, está se desenvolvendo hoje uma hermenêutica missional que trata da importância central da missão na interpretação da Escritura. Além disso, no passado, a universalização de uma metodologia do Iluminismo disfarçou o caráter local de uma compreensão hermenêutica ocidental das Escrituras, suprimindo outros entendimentos contextuais e marginalizando a missão. Hoje, a crescente reflexão da teologia do Terceiro Mundo permite que nos beneficiemos com teologias contextuais que veem a missão como algo central para a história bíblica.

E, assim, um retorno à história bíblica demandará uma reflexão teológica aprofundada para fortalecer a missão da Igreja. Por muito tempo, a reflexão teológica abstrata afastou-se da missão da Igreja.²⁰ Certamente precisaremos de um trabalho teológico renovado sobre a missão de Deus e da Igreja, mas também será essencial recuperar a “natureza missional de toda teologia”²¹ e, assim, tratar de outros temas teológicos que moldam a missão da Igreja em um nível profundo – temas bíblicos tais como a natureza do evangelho, cristologia, reino de Deus e escatologia, pneumatologia (doutrina do Espírito), eclesiologia (doutrina da Igreja), antropologia (doutrina da humanidade), soteriologia (doutrina da salvação) e cultura.

Um segundo encargo da missiologia hoje é *reavaliar a maneira como entendemos a história da missão*. Diz um provérbio africano que até que os leões tenham seus próprios historiadores, o caçador sempre será o herói da história. A história é sempre contada de um ponto de vista, e o resultado é convidar-nos a participar de uma história. A história da missão no passado, na maioria das vezes, foi contada por uma perspectiva ocidental. Além disso, foi contada do ponto de vista da propagação geográfica do evangelho, e assim essa visão controlou a seleção, organização e interpretação da narrativa. A questão que confronta a missiologia hoje é esta: como escrever a história da missão se a vida de toda a Igreja global é missão?

Um terceiro encargo com o qual a missiologia deve se envolver é uma nova reflexão sobre a *natureza da missão*. Afinal, o que é missão? Estudos do século 20 voltaram-se para a missão do Deus trino como ponto de partida para a missão. À medida que o povo de Deus participa da missão de Deus, a Igreja entende ser “missionária pela própria natureza”. Assim, tudo o que diz respeito

à vida deve manifestar as boas-novas na vida, nas palavras e nas ações. Como relacionamos essa compreensão mais ampla de missão com algumas das tarefas mais restritas que foram estudadas na missão no passado, tais como evangelismo, atos de misericórdia e de justiça e missões interculturais? Superamos a herança dualista que nos foi legada, que separa a palavra da ação? Ao ver os problemas sociais e econômicos alarmantes do mundo, certamente o povo de Deus que vive no novo mundo de justiça e *shalom* de Deus não pode ficar alheio a eles, mas, em vez disso, deve procurar maneiras de encarnar a justiça e a compaixão e buscá-las de acordo com o evangelho. Em um mundo que anseia por boas-novas de justiça, o povo de Deus pode oferecer as boas-novas do reino de Deus. Como evangelismo, misericórdia e justiça se relacionam com a vida da igreja e o chamado dos cristãos na cultura? Existe ainda um lugar para a missão intercultural, e como é isso em um mundo que tem uma igreja em cada esquina? De fato, esta será uma questão importante: com a expansão da missão, é essencial entender o lugar para se levar o evangelho àqueles que nunca o ouviram em outras partes do mundo. Essas são algumas das questões e dos problemas que precisam ser constantemente refletidos enquanto a missiologia se esforça para chegar a uma visão bíblica de missão.

“A Igreja só se torna a Igreja quando responde ao chamado de Deus à missão, e estar em missão significa mudar continuamente à medida que o evangelho encontra contextos novos e diversos. Tal mudança, no entanto, não é arbitrária; pelo contrário, sempre existiram certas constantes que, embora possam diferir no conteúdo, estão sempre presentes como um tipo de estrutura pela qual a Igreja se identifica e em torno da qual a mensagem do evangelho assume forma.”

Stephen Bevans e Roger Schroeder, *Constants in Context*. p. 72.

Quarto, o crescimento da Igreja em todas as culturas do mundo torna importante a questão da *contextualização* – a relação do evangelho e da Igreja com seu contexto cultural. Hoje, com uma Igreja global, vemos muitas expressões e teologias diferentes à medida que o evangelho se encarna em várias culturas. Isso cria problemas difíceis que envolvem duas séries principais de perguntas. A primeira é a relação do evangelho com as culturas (plural). Há um evangelho e, contudo, muitos arquétipos nas várias culturas do mundo. Como podemos ser fiéis a um evangelho sem privilegiar uma expressão cultural? Como podemos honrar diversas expressões sem cair no relativismo? A segunda é a relação do evangelho com a cultura (singular). Como relacionamos o evangelho com uma cultura em particular? Como ele pode ser familiar e, ao mesmo tempo, diferente

em cada contexto? Como o evangelho pode afirmar o bem da criação e, ao mesmo tempo, confrontar as idolatrias de cada cultura? Estudos de contextualização que tratam dessas questões serão um item essencial na agenda da missiologia hoje.

Quinto, como um subconjunto particular de estudos de contextualização, a questão do *evangelho e da cultura ocidental* deve ser proeminente. A longa história do evangelho no Ocidente torna difícil que tomemos uma distância crítica de nossa cultura. Grande parte da vida da igreja, incluindo sua iniciativa missionária, tem sido moldada por premissas culturais ocidentais que não estão alinhadas com o evangelho. Além disso, como podemos recuperar uma consciência missionária que foi atrofiada pela falsa suposição de que vivemos em uma cultura cristã ou neutra? Onde os cristãos ocidentais podem receber a dádiva de novos olhos para ver a idolatria que molda a cultura? Além disso, estamos mais conscientes hoje de que vivemos em um “campo missionário”, se, com essa expressão, nos referirmos a uma cultura e a pessoas que precisam do evangelho. Como a igreja pode incorporar as boas-novas na cultura ocidental? O que torna isso ainda mais urgente é que a cultura ocidental, com todos os seus benefícios e distorções, está sendo levada para o mundo no processo de globalização. Compreender as raízes espirituais da cultura ocidental é essencial para a Igreja hoje.

Um sexto item na agenda dos estudos de missão é entender como é um *encontro missionário com outras religiões do mundo*. No passado, a Igreja isolou-se das várias religiões do mundo, mas hoje a realidade do pluralismo está diante de todas as igrejas. Em meio à constante interação com adeptos de outras religiões, é cada vez mais difícil manter caricaturas. Além do mais, com o Ocidente perdendo prestígio e poder na comunidade global, uma atitude condescendente baseada na superioridade cultural é algo do passado. Deve-se considerar ainda que nossa noção de religião como um departamento privado da vida é desafiada pelas cosmovisões abrangentes das principais religiões do mundo. Tudo isso levanta questões complexas. Como Cristo e o evangelho são únicos entre outros compromissos religiosos? Como devemos entender as religiões do ponto de vista do evangelho? Qual é nossa missão com respeito aos membros dessas comunidades de fé?

Sétimo, o crescimento explosivo das cidades, seu poder cultural e os problemas socioeconômicos cada vez maiores que as afligem tornam a *missão urbana* uma questão fundamental a ser tratada pelos estudos de missão hoje. Missão já não é um fenômeno rural. Como é uma igreja missional nas cidades ocidentais e ocidentalizadas cada vez mais sofisticadas do mundo? Como a igreja segue Jesus em periferias, favelas e bairros populares das cidades do mundo?

Finalmente, em um mundo com uma igreja global, será importante aprofundarmos o modo como entendemos a *igreja mundial*. Várias escolas hoje rotulam seu departamento de missão com alguma variação de “missão e cristianismo mundiais”. O tema do cristianismo mundial deveria fazer parte de um curso

Qual é, então, uma maneira autêntica de tratar do cristianismo no mundo dentro do contexto de missão? É examinar as igrejas em vários contextos culturais à luz dos tipos de problema que enfrentam na missão hoje.

sobre missões? Por um lado, poderíamos dizer que não. Afinal, isso continua a disseminar a falsa suposição de que qualquer coisa associada com “exterior” e “cristão” é missão. Por outro, outras áreas de estudo teológico têm demorado a lidar com esse tópico. Lamentavelmente, os problemas em torno da igreja do Terceiro Mundo são muitas vezes considerados exóticos e algo a ser ensinado apenas em aulas de missão,

as quais, afinal, se dedicam a falar do cristianismo no exterior. Pode-se dizer que todo o currículo teológico precisa envolver o cristianismo do Terceiro Mundo. Qual é, então, uma maneira autêntica de tratar do cristianismo no mundo dentro do contexto de missão? É examinar as igrejas em vários contextos culturais à luz dos tipos de problema que enfrentam na missão hoje.

Neste livro, apresento essas várias áreas de estudos de missão. Na parte 1, fundamento a missão da Igreja na missão de Deus conforme narrada na história bíblica e reflito teologicamente sobre a missão da Igreja. Na parte 2, analiso a maneira como a Igreja tem realizado sua abrangente missão em vários momentos da história. Além disso, considero a Igreja hoje em termos de um paradigma ecumênico emergente, de tradições teológicas atuais e de uma análise da Igreja global. Finalmente, na parte 3, a mais longa, discuto uma série de questões atuais importantes que a Igreja enfrenta: missão holística, contextualização, missão na cultura ocidental, religiões do mundo, missão urbana e missões interculturais.

LEITURA ADICIONAL

ESCOBAR, Samuel. *The New Global Mission; The Gospel from Everywhere to Everyone*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003.

MYERS, Bryant L. *Exploring World Mission; Context and Challenges*. Monrovia, CA: World Vision, 2003.

POCOCK, Michael, Gailyn Van Rheenen e Douglas McConnell. *The Changing Face of World Missions; Engaging Contemporary Issues and Trends*. Grand Rapids: Baker, 2005.

TENNENT, Timothy C. *Invitation to World Missions; A Trinitarian Missiology for the Twenty-first Century*. Grand Rapids: Kregel, 2010. p. 18-50.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Você acha que uma visão mais tradicional de missão ainda prevalece em seus círculos eclesiais? Como a palavra *missão* é entendida em sua igreja?

2. O que parece certo sobre uma visão tradicional de missão? Em que aspectos ela poderia ser inadequada para os dias de hoje?
3. Quais fatores você considera mais significativos para tornar obsoleta uma visão de missão?

TEMAS PARA DISSERTAÇÃO

1. Descreva as características da visão tradicional de missão. Por que essa compreensão e prática de missão era importante para a época dela?
2. Discuta os fatores que tornam inadequada um entendimento tradicional de missão. Quais são os mais importantes? Existem outros?
3. Você acha que as quatro definições preliminares de missão são úteis? Por quê? Quais características da mudança na missão elas captam?